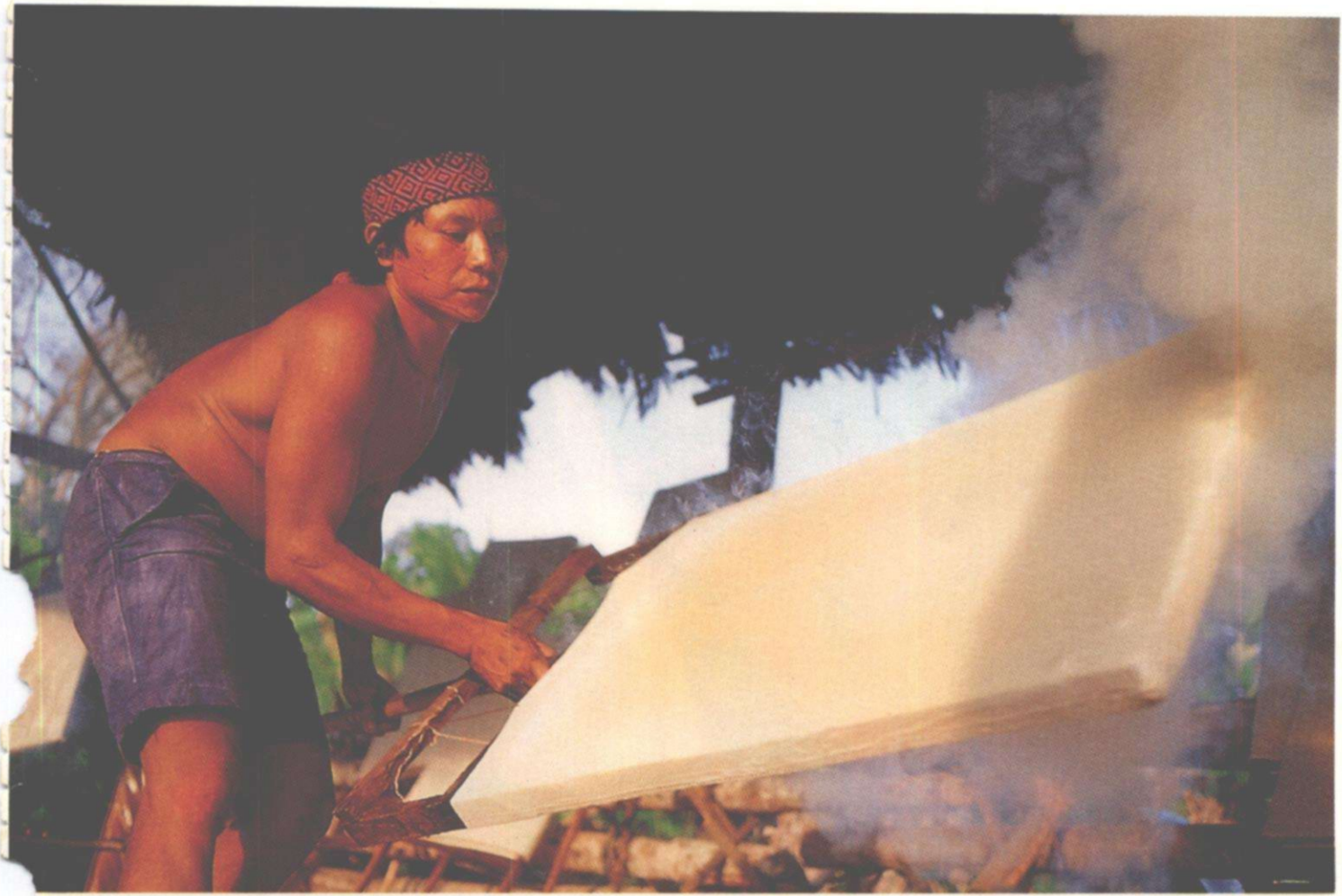


Do interior da Amazônia,
uma nova matéria-prima
ganha o mercado internacional
através de produtos
ecologicamente corretos.

Texto e Fotos: Nair Benedicto



COURO



VEGETAL





UM NOVO E

As lâminas emborrachadas com o látex transformam-se em sapatos, mochilas e bolsas e fazem sucesso internacional.

Sheets of rubber-coated fabric are used to make shoes, backpacks and handbags that are achieving commercial success abroad.

Nas noites frias dos confins da Amazônia ocidental, os seringueiros costumam se reunir ao pé de uma fogueira para lembrar *causos* da floresta. Na Reserva Extrativista do Alto Juruá, no Acre, não é diferente, mas um detalhe torna especial esse momento: eles comemoram o sucesso internacional do couro vegetal.

Apesar de existir há mais tempo, o couro vegetal só veio a ser lançado e conhecido no mercado durante a conferência ecológica Rio 92, no Rio de Janeiro. Os produtos encantaram representantes do mundo todo, atraindo principalmente o interesse de americanos, japoneses, ingleses e chineses.

No Brasil, ele já é usado em bolsas, malas, mochilas, pastas de executivo. Nos Estados Unidos, o couro vegetal, conhecido por *treetap*, é comercializado em forma de sapatos desde setembro do ano passado.

A história desse novo ciclo da borracha começou em 1991. A jovem

estilista carioca Bia Saldanha e o empresário João Fortes, ambos militantes do Partido Verde, foram contatados por seringueiros da distante Boca do Acre, no Amazonas. Eles procuravam parceiros no Sul para a comercialização de seus produtos: sacos de algodão impermeabilizados com o látex extraído dos seringais da região. Ter nas mãos um produto tão semelhante ao couro, sem o sacrifício de árvores e animais, era quase um sonho.

Para torná-lo realidade, Fortes financiou a produção de um lote inicial de três mil lâminas feitas de couro vegetal pelos seringueiros de Boca do Acre. Com essa matéria-prima, Bia confeccionou as primeiras mochilas e bolsas que foram lançadas durante a Rio 92. Mesmo com o sucesso das vendas, a dupla sabia que o desafio era aprimorar o processo primitivo, adaptando-o às exigências do mercado internacional.

No final daquele ano, outro fato



REFINADO CICLO DA BORRACHA.



reforçou os planos em torno do couro vegetal. Bia foi procurada por representantes dos índios kaxinawás e yawanawás, do Acre, que também estavam interessados em trabalhá-lo. Animados com a possibilidade de criar uma alternativa econômica para os povos da floresta, os dois empresários decidiram tocar de vez o projeto.

Entre os representantes dos índios estava Ailton Krenak, coordenador do Núcleo da Cultura Indígena (NCD), uma organização voltada para programas de pesquisa da flora e fauna. Ele se transformou em importante articulador do projeto do couro vegetal. Outras lideranças indígenas também estavam envolvidas na atividade: Siã, índio kaxinawá que recebeu o Prêmio Reebok da Paz em 1992, e Biraci, da Associação dos Índios Yawanawás. Assim nascia a empresa Couro Vegetal da Amazônia.

O sonho ainda não tinha se concretizado totalmente até 1994. Em março, o projeto ganhou um novo aliado: o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES). Nesse mesmo ano, a empresa conseguiu vulcanizar a borracha feita pelos seringueiros e índios da Amazônia. A aplicação dessa tecnologia agregou valor ao couro vegetal. Mais uma luta fora vencida e o produto teve, enfim, sua qualidade e resistência aprovadas pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), da Universidade de São Paulo.

Para documentar a produção do couro vegetal, estive com Bia Saldanha no núcleo dos seringueiros do Alto Juruá. Saímos da cidade acreana de Cruzeiro do Sul em monomotor para um voo de 45 minutos até a pequena cidade de Taumaturgo, onde encontramos Antônio Macedo, representante dos seringueiros do Juruá. Ele nos guiou até o Alto do Juruá.

A viagem pelo Juruá foi muito cansativa. Em seguida, subimos o rio Tejo até encontramos o rio Bagé. Na foz desse último ficamos alguns dias, acompanhando os seringueiros na floresta e a produção do couro vegetal.

A fabricação começa com o envio de sacos de algodão de Belém, capital do Pará, aos centros de produção no Amazonas e Acre. Os produtos químicos utilizados no processo vêm do Rio de Janeiro. Quando o material chega em Cruzeiro do Sul é encaminhado aos núcleos pelos rios. A colheita diária do leite das seringueiras deve ser tratada com esses produtos para evitar o endurecimento.

Ajustados em molduras de madeira, os sacos virgens são banhados no



leite da seringueira já preparado e depois levados para a fumaça de pequenos fornos de barro. Esse processo de defumação é repetido de seis a oito vezes antes de os sacos irem para a vulcanização dentro de uma secadora fechada onde permanecem por oito horas. Concluída essa fase, eles ficam de molho na água por três horas para lavagem do tecido.

À noite, depois de encerrados os trabalhos do dia, vinha a boa conversa ao redor da fogueira. Para Antônio Macedo, projetos como o do couro vegetal só acontecem e dão certo por causa do esforço concentrado de muitas pessoas, e também porque as conquistas das reservas extrativistas abriram caminho para outros planos na área.

Assim, o produto que timidamente nasceu em Boca do Acre, no Amazonas, hoje conta com aproximadamente 200 pessoas envolvidas em sua produção, divididas em quatro reservas extrativistas: Floresta Nacional Inavini (no Amazonas), Alto Juruá e as áreas indígenas kaxinawá do rio Jordão e yawanawá do rio Gregório, todas no Acre. Segundo Bia Saldanha, a meta de produção da Couro Vegetal da Amazônia está estimada em 150 mil lâminas anuais para os próximos cinco anos. É importante ressaltar que há um contrato firmado entre a empresa e as entidades e associações envolvidas no projeto que mantém preço interessante para os produtores e direitos de marca e de patente.

A Couro Vegetal da Amazônia, o BNDES e as associações são donas

da marca Treetap, nome comercialmente mais adequado para os acordos internacionais. A fábrica americana Deja Shoe, que lançou em 1994 sua linha de calçados ecológicos, foi uma das primeiras a aderir à novidade. Esses sapatos de *treetap* chegaram a ganhar um prêmio da United Nations Environment Programs, uma divisão da ONU, no ano passado. Um reconhecimento pelo compromisso com o desenvolvimento sustentável do couro vegetal. Um feito que bem merece ser cantado pelos índios e seringueiros ao redor das fogueiras, nas noites frias dos confins da Amazônia ocidental. ➤

Treetap

A novel, ecologically-correct material from the Amazon jungle is launched on the international market.

Text and Photos by Nair Benedicto

On cooler nights, rubber tappers of the western Amazon area in Brazil gather around bonfires to tell tales of the endless forest. At the Upper Juruá Extractive Reserve, in the state of Acre, tappers celebrate the international success of "plant leather," a derivative of the latex of Amazon rubber trees (*Hevea brasiliensis*).

Even though it has long been used by Amazon rubber tappers and Indians, this material didn't gain worldwide exposure until the Earth Sum-

mit held in Rio de Janeiro in 1992. Participants from many countries – especially the United States, Japan, the United Kingdom and China – found these products very attractive.

In Brazil this material is being used to make handbags, briefcases, suitcases and rucksacks. In the United States, where it is known by the trademark Treetap, it is employed to make shoes. This new rubber boom began in 1991, when rubber tappers from faraway Boca do Acre, in the state of Amazonas, made contact with the young designer Bia Saldanha and the businessman João Fortes, both members of the Brazilian Green Party in Rio de Janeiro. They were looking for partners in the south to sell their wares: cotton sacking coated with latex from rubber trees.

Fortes funded the production of a first run of 3,000 sheets of Treetap, used for the handbags and backpacks sold at the Earth Summit, and late in 1991 another development added new oomph to Treetap. Representatives of the Kaxinawá and Yawanawá tribes from Acre also contacted Bia to reveal that they were interested in joining the venture. Fortes and Saldanha were optimistic about the creation of an economic alternative for the forest peoples and decided to invest in training groups to produce plant leather.

Ailton Krenak, director of the Núcleo de Cultura Indígena (Indigenous Culture Center), a nongovernmental organization, began to play an important part in the Treetap project. Other Native Brazilian leaders also became involved: Siã, a Kaxinawá awarded the Reebok Peace Prize in 1992, and Biraci, from the Yawanawá Indian Association. Antônio Macedo, a representative of the Juruá River rubber tappers, also joined. That was the birth of a new company, Couro Vegetal da Amazônia (Amazon Plant Leather).

In March 1994 the project gained a new ally: the Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (National Bank for Economic and Social Development, the country's main instrument for financing programs for the development of the national economy). Soon the company succeeded in vulcanizing the rubber produced by tappers and Indians in the Amazon. Treetap was then approved by the Technological Research Institute of the University of São Paulo.

To report on the production of

Treetap, I accompanied Bia Saldanha to two nuclei in Acre: one run by rubber tappers in the Upper Juruá river area and another by the Kaxinawá in the Upper Jordão river region. We boarded a single-engined plane in Cruzeiro do Sul for a 45-minute flight to Taumaturgo, where we met Antônio Macedo, our guide in the Upper Juruá.

As it was the drought season, the river was shallow in many spots and we had to wade along the stream and push the boat. Next we sailed up the Tejo river, to the mouth of the Bagé river, where we observed the tapping work in the jungle and the production of plant leather.

The manufacture of Treetap depends on cotton sacks sent from Belém, the capital of the state of Pará, also in the Amazon region. The needed chemicals come from Rio de Janeiro. These materials are sent to Cruzeiro do Sul, whence they are taken by boat to the forest nuclei. The daily yield of milk from the scored trees is coagulated with acid. Sieves are used to eliminate foreign objects. After being tested for density and Ph, the latex is ready for use.

The brand-new sacks are stretched

over wooden frames and coated with latex before being smoked over small clay ovens. Smoking is repeated from six to eight times before the sheets are vulcanized in a sealed drier for eight hours. Next they are washed for three hours.

Back to Taumaturgo, we hitched a ride in another single-engined plane and, after a one-hour flight, landed in Foz do Jordão. Siã led us in this expedition to the land of the Kaxinawá. The Jordão, no more than a foot deep, was littered with fallen trees. The trip took us four days. As we advanced upriver, the forest became denser and more beautiful. Indian villages appeared on the banks. As a rule, these are groups of four or five huts, each inhabited by from 10 to 15 persons.

Sometimes one of our Indian friends had to dip beneath the craft to negotiate a stretch blocked by a tree trunk. We realized that on our way back downriver we would have to face the same obstacles, so we decided to stay just two days at the production locale.

Some 200 persons are involved in the manufacture of Treetap, a product that had such a modest origin in

the boondocks of the Amazon. Production takes place in four extractive reserves: the Inavini National Forest, the Upper Juruá region, the Kaxinawá Indian area on the Jordão river and the Yawanawá Indian area on the Gregório river (the first in the state of Amazonas and the other three in Acre). The global output for the next five years is estimated at 150,000 sheets a year. The contract in force guarantees the producers a rewarding price as well as trademark and patent rights.

The firm Couro Vegetal da Amazônia, the National Bank for Economic and Social Development and the associations involved own the trademark Treetap. The American footwear manufacturer Deja Shoe was one of the first to adopt the new material and launched its line of environment-friendly shoes in 1994. That same year these shoes won an award from the United Nations Environment Programs in recognition for their role in sustainable development. This feat certainly can be sung by Indians and rubber tappers gathered around bonfires on the cooler nights of the far reaches of the western Amazon region. 